



## **A estratégia das entradas “ao vivo” como recurso de realidade nos telejornais: o caso do Bom Dia RN<sup>1</sup>**

Ranniery Fonseca de SOUSA<sup>2</sup>

Kenia Beatriz Ferreira MAIA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **RESUMO**

O “Bom Dia Rio Grande do Norte” é o telejornal local, exibido pela afiliada da TV Globo no RN – a InterTv Cabugi, que utiliza por grande faixa de espaço o recurso das “entradas ao vivo” durante o tempo em que está no ar. Na maioria das vezes, o repórter não está sozinho para passar uma informação, ele conduz uma entrevista, ligada a reportagem que antecedeu a transmissão ou, pode suscitar um novo assunto. Este artigo aborda esses momentos, em que, de acordo com a análise, a intenção maior é a aproximação do real, pelo momento em si, os locais e personagens envolvidos. Mas, afinal de contas, quais os mecanismos por trás dessa estratégia? Este artigo trata do assunto como forma de analisar o processo de editoração do telejornal estudado.

**PALAVRAS-CHAVE:** telejornal; ao vivo; edição; objetividade; Bom Dia RN.

### **A força do telejornalismo**

Unir imagem e som a serviço da informação. Assim, e só assim, acontece o telejornalismo em qualquer parte do mundo, onde quer que existam os jornalistas, aptos a trabalhar no campo da noticiabilidade, e o público, mediados por um aparelho que capta os sinais de transmissão das redes de televisão e os redirecionam em forma de programas em formato televisivo. Esse formato foi construído ao longo de vários anos, desde o surgimento da televisão e hoje se apresenta de forma bastante específica. Os textos construídos são de fácil compreensão, sempre em períodos curtos e objetivos<sup>4</sup>, formulados para encaixar com as imagens captadas que, por sua vez, são editadas para complementar e embasar o que é dito. Embasar no sentido de provar para quem assiste a dimensão da notícia, do fato e dos personagens que estão submetidos aos acontecimentos diários que se tornam pontos de ampliação e divulgação dentro dos telejornais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UFRN, email: [rannierysousa@hotmail.com](mailto:rannierysousa@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do Trabalho. Professora do curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN, email: [keniamaia@yahoo.com.br](mailto:keniamaia@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Objetivo, aqui, no sentido de direto, sem espaços para conotação, figuras de linguagem. O que é dito na TV precisa ser entendido na primeira vez que é ouvido, já que o telespectador não pode voltar e ver outra vez.



Sendo assim, o telejornalismo é uma prática da comunicação que instiga análises para que se descubra por quê aquilo que é dito e mostrado tem tanta força e tanto alcance perante a sociedade. Afinal de contas, como se preparar para enfrentar a rotina de estudos e trabalhos sem estar bem informado do que acontece no mundo? Para muita gente a resposta está em assistir na televisão aquilo que vira notícia e está presente na fala dos âncoras e dos repórteres que são pessoas, à grosso modo, que passam um sentido intangível de credibilidade, palavra muito ligada a quem é escolhido para trabalhar com o telejornalismo.

E as pessoas não só veem TV, como têm uma relação de proximidade e pertencimento a ela (PEREIRA JÚNIOR, 2003). De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia – hábitos e consumo de mídia pela população brasileira – desenvolvida pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, divulgada em fevereiro deste ano<sup>5</sup>, a televisão é o principal meio pelo qual a população obtém informação ou entretenimento. Quase a totalidade, 97% dos entrevistados, assistem TV, um número que engloba as diferentes classes sociais, gêneros, idades, renda, localização geográfica e escolaridade. Mesmo com o crescimento da internet nos últimos anos, pouco menos da metade dos brasileiros têm a o hábito de acessar a rede, segundo a pesquisa, 47% da população. Além disso, é interessante perceber que o povo brasileiro tem uma relação de intimidade com a televisão. Segundo a pesquisa, 76,4% dos brasileiros preferem a TV entre os meios de comunicação que utilizam. E 65% assistem televisão todos os dias da semana. Sendo uma média diária de três horas e meia assistindo a programação televisiva.

Sobre o que os brasileiros mais assistem na TV, a pesquisa aponta que entre segunda e sexta-feira, 80% dos entrevistados veem programas jornalísticos ou de notícias.

Portanto, mesmo com os usos e as facilidades da internet, a maioria dos brasileiros ainda repete cotidianamente o gesto de ligar o aparelho de televisão para encontrar informação. Por consequente, os telejornais participam efetivamente da maneira como as pessoas constroem a realidade social.

“Para a maioria das pessoas, os telejornais são a primeira informação que elas recebem do mundo que as cerca: como está a política econômica do governo, o desempenho do congresso nacional, a vida dos artistas, o cotidiano do homem comum, entre outras coisas. (...) Os noticiários

---

<sup>5</sup> Realizada entre Outubro e Novembro de 2013



televisivos ocupam um papel relevante na imagem que elas constroem da realidade.” (PEREIRA JÚNIOR, 2003, p. 6)

Mais do que importante local para receber informações, a televisão consegue ainda estabelecer um ponto de reflexão da sociedade. “Programas televisivos são narrativas que refletem e constroem imagens, representações e valores sociais. Constituem também interlocuções complexas, em que estão enredados diferentes atores sociais.” (FRANÇA, 2006, p.10)

Por outro lado, e na via contrária desse reflexo, para quem assiste, é impensável o processo de escolha que se tem em uma redação para dar forma e levar um telejornal ao ar. São colocados numa balança inúmeros argumentos da equipe de produção, de edição e, em alguns casos, até dos gestores da empresa para que se chegue a um ponto em comum do que vai ser levado ao telespectador. Afinal de contas, o peso que tem uma informação veiculada num telejornal é grande e exige critérios de noticiabilidade bem estabelecidos (TRAQUINA, 2004).

## **O Bom Dia RN**

Entre as notícias que chegam ao telespectador potiguar, as opções são entre formatos, apresentadores e o canal. A Intertv Cabugi, afiliada da Rede Globo, a TV Ponta Negra, afiliada do SBT, a Band Natal, sucursal da Rede Bandeirantes, a TV Tropical, afiliada da Rede Record, a TV União que pertence a um núcleo de comunicação com o mesmo nome de Fortaleza, capital do Ceará, são as emissoras privadas<sup>6</sup> que disputam a “seara da comunicação” PENA (2005), para ganhar os corações e mentes dos telespectadores que estão ávidos por descobrir quase que instantaneamente o que acontece ao seu redor, ou seja, no nosso caso, o que acontece de importante no Rio Grande do Norte.

Numa delimitação para que se apresente o objeto de estudo deste artigo, foi escolhida a InterTv Cabugi<sup>7</sup>, já que é a afiliada potiguar com maior alcance de audiência de acordo com os números do IBOPE. Para que se delimite ainda mais, é preciso expor que será estudado o telejornal “Bom Dia RN”.

Atualmente apresentado pelo jornalista Murilo Meirelles, o Bom Dia RN vai ao ar de segunda à sexta-feira das 06h30 às 07h30. De acordo com o site da InterTV

---

<sup>6</sup> Não levamos em conta a TV Universitária, afiliada a TV Brasil no RN, por se tratar de uma emissora pública, que não tem como meta principal brigar pela audiência.

<sup>7</sup> Afiliada a TV Globo no RN



Cabugi<sup>8</sup>, o jornal é definido da seguinte forma: “Com entrevistas ao vivo no estúdio e nas ruas, o noticiário aborda questões de interesse público, economia, política, tecnologia, desenvolvimento social e infraestrutura”. O conteúdo da edição também se utiliza de matérias produzidas em Mossoró, segunda cidade do estado, o que dá a impressão de que tudo o que acontece de importante no estado está retratado no jornal. O bloco de Esportes é apresentado pelo jornalista Victor Lyra, que entrevista comentaristas esportivos e mostra as notícias, principalmente, do futebol potiguar.

Por ser um jornal que exige muita produção, já que ele ocupa uma hora na grade de programação da emissora, O Bom Dia RN é editado contando sempre com uma média de cinco entrevistas ao vivo, diariamente. No estúdio ou nas ruas, as entrevistas são elaboradas como um desdobramento de matérias ou como forma de suscitar um novo assunto.

No aspecto da editoração do telejornal, parece não haver uma normatização para que se entenda de que maneira as matérias se intercalam com as entrevistas ao vivo para reforçar ou para desdobrar um assunto. E ainda, como a editoria do jornal deixa de abordar assuntos em reportagens gravadas e editadas em detrimento das entradas ao vivo, ou na conceituação de FECHINE (2006), das transmissões diretas.

Contudo, todos os assuntos retratados no telejornal precisam parecer isentos de determinadas escolhas, eles têm que ser um retrato fiel da realidade. E o que vai ao ar neste telejornal pode esclarecer o que está por trás das justificativas que findam por ajudar a formar a opinião pública do povo potiguar. Afinal, o que acontece no Bom Dia RN, um jornal que vai ao ar no início do dia, repercute em todos os outros jornais<sup>9</sup> da maior emissora do estado e, por sua influência, acaba pautando o que vai para outros jornais impressos, televisionados e radiofônicos no Rio Grande do Norte.

### **O “ao vivo” como efeito de atualização do BDRN**

Na rotina de produção do Bom Dia Rio Grande do Norte, há um aspecto observado que se assemelha ao processo de feitura dos jornais impressos. Quando falamos do jornal em papel, é natural e intrínseco à sua elaboração o fato de que toda a equipe de repórteres, fotógrafos, editores e chefes de reportagem trabalham em um dia, para que o produto final, ou a notícia, chegue ao público no dia seguinte. Esse processo

---

<sup>8</sup> <http://redeglobo.globo.com/rn/intertvnr/>

<sup>9</sup> O jornalismo diário/local da InterTV Cabugi conta ainda com duas edições do “RNTV”. A primeira, ao meio-dia e a segunda no início da noite.



é tido como inseparável de sua natureza, já que para sair do meio digital, onde os textos são feitos – e posteriormente, onde é diagramado - e chegar ao meio físico (papel), existem as impressões e distribuições do jornal para que ele chegue às mãos do leitor. Isso inclusive tem gerado uma grande revolução na maneira com a qual os textos são escritos, já que – como não conseguem acompanhar a imediaticidade da internet, ou até mesmo do rádio e da televisão, o impresso deve se aprofundar mais nos textos, a fim de garantir a permanência de sua existência no mercado (NOBLAT, 2008).

Quanto ao Bom Dia Rio Grande do Norte, um telejornal que vai ao ar no início da manhã, o processo de produção das reportagens se dá também no dia anterior. Quase que a totalidade do que vai ser informado foi confeccionado um dia antes de estar indo ao ar. O editor de texto, que chefia a elaboração da estrutura da edição no período da tarde e início da noite, trabalha com o intuito de finalizar, em média, 80% a 90% do jornal no dia anterior. Quando o editor-chefe chega no dia seguinte, ele apenas revisa o material e acrescenta uma ou duas matérias novas para a edição que começará em instantes.

Essa forma de produção de um telejornal vai contra um princípio básico da TV: o da rapidez, ou imediaticidade. Segundo FRANÇA (2006): “Uma farta distribuição de imagens, acessadas instantaneamente por milhões e milhões de telespectadores: a imediaticidade e partilhamento são traços definidores da existência da TV.” (FRANÇA, 2006, p. 35).

Ou seja, o Bom Dia RN trabalha, com este modo de produção, para ser um telejornal de natureza fria, como se diz no jargão jornalístico – referindo-se à falta de notícias factuais, àquelas que aconteceram num tempo próximo do que está sendo noticiado. Não se pode esperar que notícias de última hora sejam retratadas<sup>10</sup>, ou que elas sejam retratadas como devem ser num telejornal: com imagens ilustrando o fato – de acordo com o que foi dito no início deste artigo, algo primordial para que o telejornalismo aconteça.

Nesse sentido, e para ajustar essa relação do que acontece num tempo próximo ao que o telejornal vai ao ar, o BDRN se apropria do recurso das transmissões diretas, que de acordo com FECHINE (2006), são uma estratégia surgida face aos novos

---

<sup>10</sup> Na maioria das vezes, as notícias factuais entram em forma de notas simples. Aquelas em que o apresentador fala dentro do estúdio, diretamente ao telespectador, sem outros recursos imagéticos e nem de edição.



processos comunicacionais, como o surgimento da internet e a velocidade cada vez mais acentuada na troca de conteúdo e de informação.

“Nesse cenário em que a imediatividade e a capacidade de interação agregam maior valor às mídias, observa-se uma tendência à utilização cada vez maior da transmissão direta pelos telejornais tanto para a produção de um efeito de atualidade na divulgação da informação quanto para a construção de um sentido de presença entre os sujeitos envolvidos na comunicação.” (FECHINE, 2006, p.1)

No BDRN, as transmissões diretas servem como efeito de atualidade para a edição em si que está indo ao ar.

O ao vivo entra para que o telespectador veja que aquilo que está acontecendo, está sendo mostrado no tempo “agora” da transmissão do telejornal. Diferentemente das reportagens gravadas, em que o apresentador se remete a algo no passado para que aí entre o repórter, num tempo anterior ao da veiculação do noticiário, contando como aconteceu determinado fato.

“Quando a sequência é direta (entrada “ao vivo” do repórter), a delegação actancial é feita sem que haja um deslocamento temporal: repórter e apresentador, no caso, compartilham o mesmo agora enunciativo. Esta concomitância é inscrita no enunciado englobado pela logomarca “vivo” no canto da tela.” (FECHINE, 2006, p.2)

Com essa intenção, o telejornal em questão utiliza uma média de cinco entradas “ao vivo” numa mesma edição. Mas, é preciso fazer uma ressalva quanto à utilização dessas transmissões diretas. No caso do Bom Dia RN, em quase todas elas, a editoração do telejornal opta pelo uso de entrevistas, que podem estar atreladas ou não com o fato da transmissão em si. Ou seja, apesar de ser “ao vivo”, já que a ação ocorre no mesmo instante em que o jornal está indo ao ar, a entrada pode não ser uma transmissão direta, utilizando, por exemplo, a atualização de uma informação – no que Fechine categoriza como “tempo atual” - ou a própria transmissão em si, da notícia que acontece no momento em que está sendo transmitida – o que, neste caso, Fechine atribui de tempo real; a entrada do repórter, muitas vezes é justificada apenas para que a entrevista ocorra.

Nesse sentido, o jornal pretende assegurar o efeito de atualidade com o fato de ter apresentador e repórter falando no mesmo “agora” em que o jornal está indo ao ar, utilizando como forma de prender o telespectador uma entrevista que será transmitida no momento em que está sendo feita.



### **A antecipação ou resgate dos fatos, amparado pelo uso do “ao vivo”**

Durante a análise do jornal, que aconteceu entre os dias 17 e 21 de março de 2014, foi possível constatar que algumas entradas ao vivo se justificavam não pelo conteúdo em si, mas apenas pelo próprio fato de ser ao vivo.

Na edição de 17 de março de 2014, por exemplo, uma das entrevistas ao vivo acontece dentro do estúdio, onde o apresentador conversou por 7 minutos e 45 segundos com o entrevistado.

“Na semana passada, o governo federal anunciou a liberação de mais de 300 milhões de reais para a companhia brasileira de trens urbanos. Os recursos são do orçamento geral da união para obras de mobilidade. Para saber como todo esse dinheiro vai ser aplicado, eu conversei agora com o superintendente da CBTU aqui no estado, João Maria Cavalcanti”. (Apresentador do BDRN, iniciando a entrevista ao vivo no jornal, na edição de 17/03/2014)

A primeira informação dada para começar a entrevista é que o fato noticiado aconteceu na semana anterior àquele presente. Nas rotinas de produção, noticiar um assunto depois de tanto tempo de ter acontecido seria inviável. Mas, por estar acontecendo no tempo “agora” do qual conceitua Fehine, que está inclusive explicitado na fala do jornalista (“eu conversei ‘agora’ com o superintendente da CBTU aqui no estado, João Maria Cavalcanti”), a entrevista se justifica pela forma na qual está sendo feita. É a forma, e não o conteúdo, que imprime a novidade ao tema tratado.

Apesar de alguns autores defenderem a atualidade, no sentido de temporalidade, como inerente ao jornalismo, outros apontam que a forma de veiculação pode ser justificativa para resgatar um fato. Pena (2005) trata desse assunto, citando e discordando de Michael Zunczick e Ricardo Kotscho, que defendem a temporalidade na informação.

“Ora, evidentemente, o que está próximo no tempo e influencia o presente só pode ser uma novidade. Mas, qual é a medida para considerar algo como novo? E o que é velho não pode ser atual? Afinal, qual a diferença entre novidade e atualidade?” (PENA, 2005, p. 39)

No caso da entrevista citada, a liberação das verbas para o RN é atual para quem assiste, já que a forma escolhida foi uma entrevista ao vivo. Para o caso hipotético do assunto ser retratado numa reportagem que remeteria ao tempo anterior do “agora” da transmissão do telejornal, ou seja uma entrada “gravada”, o tema seria “envelhecido”,



como se diz no jargão jornalístico, pela situação feita pelo repórter ao fato ter ocorrido na semana anterior.

Por outro lado, o Bom Dia RN também utiliza o recurso de antecipar determinado fato também como estratégia de atualidade no jornal.

Ainda na edição do dia 17/03/2014, o apresentador inicia o assunto que será continuado pelo repórter na entrada “ao vivo”, sobre a organização das escolas para a confecção das carteiras de estudante. Ele fala que a secretaria de mobilidade urbana de Natal vai fazer uma reunião naquele dia para definir como será o processo. A repórter entra falando e, mais do que isso, deixando claro que a reunião será às 8 horas<sup>11</sup>. Portanto, o jornal está se antecipando ao fato que ocorrerá naquele dia, numa clara pretensão de passar ao público a ideia de ineditismo e vigilância dos fatos que ocorrem na localidade. Para quem assiste, a sensação pretendida é a de que assistindo ao BDRN, as notícias são dadas no tempo atual, ou mesmo antecipadas para deixar o telespectador preparado para o que pode vir a ser notícia.

Nesse sentido, a construção desse espaço “ao vivo”, real, inédito e até com pretensão de se antecipar ao futuro, possibilita a impressão de velocidade no noticiário, sensação que grande parte do público já está acostumado, ocasionado pelos portais de notícias disponíveis na *web*. E nesse caso, o telejornalismo se apropria do imediatismo proporcionado pela internet, mas com a qualidade e o poder que a televisão tem de pertencimento na vida das pessoas e de ser uma janela real do mundo.

Apesar disso, as inserções do ao vivo apresentam problemas, sobretudo no que diz respeito ao lugar real em que acontecem.

### **O local do “ao vivo” no Bom Dia RN e sua relação com o retrato do real**

“E olha só, desde ontem, os professores do estado aderiram a uma paralisação nacional. Você que é estudante da rede estadual sabe que isso não faz muita diferença, já que os educadores daqui já estão em greve há mais de quarenta dias. Antônio Coelho, por quê a negociação entre governo e professores *tá* tão difícil?” (Apresentador do BDRN, “chamando” um repórter para entrar ao vivo na edição de 18/03/2014)

A partir do início da transmissão direta que acontece com esse texto dito pelo apresentador, o repórter inicia a sua participação no jornal e é possível perceber que ele está em frente a uma escola pública, que está sem movimentação – o que provavelmente

---

<sup>11</sup> A entrevista foi ao ar por voltas das 06:50h (O jornal vai ao ar entre 06:30h e 07:30h)





aconteceu por causa da greve. O repórter, então, começa a entrevistar a Coordenadora do sindicato dos professores – e professora -, para questionar os motivos da continuidade da greve. Depois de pouco mais de três minutos dessa entrada ao vivo, o repórter “convida” os telespectadores a continuar falando sobre o assunto, mas, com uma diferença fundamental na análise do espaço destinado aos atores sociais dentro das entrevistas ao vivo do BDRN, “no estúdio com o Murilo [*apresentador do telejornal*]”.

Nesse momento, começa uma nova entrevista ao vivo, dentro do estúdio, com a secretária de educação do estado. Vale notar que a troca do espaço real em que acontece a transmissão é fundamental para dar ao “ao vivo” mais verossimilhança. Isso, já que a sindicalista, que também é professora e está em greve, é entrevistada na porta da escola, pelo repórter; enquanto que a secretária está dentro do estúdio, junto com o apresentador, num espaço mais próximo do que seria seu gabinete. Sobre essa tendência de reconstrução do espaço real na TV,

“A televisão é um espaço público; certamente o espaço público central da sociedade contemporânea. Trata-se, portanto, de um terreno de grandes disputas, e onde eclodem e se manifestam os mais diferentes discursos sociais. É um espaço de diversidade, marcado pela presença de muitas vozes. A TV apresenta e reflete a diversidade da vida social e é o palco onde diferentes atores, situações, temáticas e problemas se dão a ver” (FRANÇA, 2006, p. 36)

Estão retratadas nessas entrevistas, portanto, as relações de classe e de poder presentes na sociedade, analisadas por França (2006). O apresentador e o repórter, por si só, acompanhando as entrevistadas, já refletem a sociedade, uma vez que o apresentador é a figura hierarquicamente superior ao repórter em um telejornal – junto da secretária – e o repórter, abaixo da figura principal e detentora do poder está com a sindicalista. (TEMER, 2010). “A diversidade está presente na televisão, mas os diferentes temas, sujeitos, discursos, não se apresentam aí em igualdade de condições.” (FRANÇA, 2006, p. 36).

Nesse sentido, a editoração do jornal ganha no aspecto de realidade dada ao “ao vivo”. Mais uma vez, o recurso aponta a saída para prender o público em algo que, além de acontecer no tempo “agora” da realidade, a espelha e reflete como tal situação aconteceria de fato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Apesar do poder televisivo e da relação cultural que o Brasil possui com o meio, a TV tem perdido público nos últimos anos para a internet. As emissoras estão vendo os índices de audiência cair e não para as concorrentes, mas num processo de migração do público para à frente do computador.

Porém, ao invés dos jornais impressos, que observam sem grandes mudanças a perda de público, a TV tem buscado opções para enfrentar o problema e até mesmo se apropriar da linguagem da internet para seus modos de produção.

É isso que foi observado na análise do Bom Dia RN. Mesmo com contradições no modo operante de construir o telejornal, e nem que seja numa relação intuitiva com conceitos de atualidade, novidade, realidade e rapidez/imediaticidade, a produção e os profissionais do jornal tentam seguir a internet e suas ferramentas, para garantir audiência e efetivar a participação e reflexão do público no noticiário.

Por fim, é perceptível que o BDRN precisa ainda apurar a relação com o “ao vivo” para que a ferramenta não se torne sem sentido, ou banal na construção diária do jornal. Deve-se (re)considerar, num processo constante de análise, entre outros fatores, o tempo das entradas, as fontes utilizadas nas entrevistas ao vivo, o local mais adequado para que elas aconteçam. Até porque, sem isso, o telespectador pode deixar de construir o sentido aqui analisado e não perceber as utilidades simbólicas do seu uso.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Luís Carlos. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

FRANÇA, Vera. A TV: a janela e a rua. In: FRANÇA, Vera (org.). **Narrativas televisivas: programas populares da TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 7ª edição. São Paulo: Contexto, 2008.

NOGUEIRA, Armando. Telejornalismo I - a experiência da Rede Globo. In: MACEDO, Cláudia; FALCÃO, Angela; ALMEIDA, Cândido José Mendes de. (org.). **TV ao vivo depoimentos**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2005.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Vizeu. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. 3. ed. Porto alegre: Edipucrs, 2003



TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.) **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística: uma comunidade transnacional**. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.